REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 44
MARÇO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

POÉTICAS DO ISOLAMENTO:
EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

PANDEMIA, EDUCAÇÃO E DESIGUALDADE: O ENSINO-APRENDIZAGEM MEDIADO PELAS TECNOLOGIAS

Lucas Pacheco Brum[1]
Marcus Vinícius Silva Magalhães[2]
Cristina Rolim Wolffenbüttel[3]

[1] Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas - PPGE/UFPel. Mestre em Educação em Artes Visuais pela Universidade de Brasília - UnB. Especialista em Processos e Produtos Criativos pela Universidade Federal de Goiás – FAV/UFG. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS. Normalista pelo Instituo Estadual de Educação Osmar Poppe. Interesso-me pelos campos seguintes campos de pesquisas: imagens de referência, cultura visual, educação da cultura visual, pedagogias/visuais/culturais e/das mídias, currículo e visualidades não legitimadas pelo sistema da arte. Integro os grupos de pesquisa Arte: criação, interdisciplinaridade, educação, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS/CNPq e o "Laboratório Imagens da Justiça" da Universidade Federal de Pelotas – UFPel/CNPq".

[2] Doutorando em Arte no Programa de Pós-Graduação em Arte (PPG - Arte) da Universidade de Brasília (UnB), Mestre em Arte Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação em Arte (PPG - Arte) da Universidade de Brasília (UnB), integrando a linha de pesquisa em Educação em Artes Visuais. Especialista em Processos e Produtos Criativos pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Possui estudos e trabalhos acadêmicos voltados para a reflexão e atuação do arte/educador no contexto da educação especial e hospitalar, bem como produções envolvendo práticas diferenciadas de ensino. Esteve associado à International Society for Education through Art (InSEA) no biênio 2016-2018 e atualmente integra o quadro de servidores da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), atuando como professor da disciplina de Artes Visuais. Além do trabalho no campo da educação, possui estudos e experimentos nas artes cênicas e na dança, onde já atuou como bailarino profissional em um grupo de dança contemporânea na capital federal e em projetos humanitários e sociais. Possui o campo dos Estudos Culturais e das Pedagogias Culturais como perspectivas de pesquisa e problematização da prática educacional.

[3] Doutora e Mestre em Educação Musical pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Especialista em Informática na Educação Ênfase em Instrumentação, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Licenciada em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordena o curso de Especialização em Educação Musical na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Unidade de Montenegro. É coordenadora da Área Música do Programa de Iniciação à Docência, em Montenegro, da CAPES/UERGS. Coordena a Comissão de Pesquisa e Pós-Graduação da Uergs-Montenegro, orientando bolsistas de iniciação científica em música e artes, da FAPERGS, CNPq e UERGS. É coordenadora dos grupos de pesquisa registrados no CNPq Arte: criação, interdisciplinaridade e educação e Educação Musical: diferentes tempos e espaços. Coordena o Programa de Extensão Universitária, do Ministério da Educação, pela Uergs, na temática da ampliação da leitura através das Artes, desenvolvendo ações de leitura com estudantes bolsistas, beneficiando as redes públicas municipais e estaduais de Porto Alegre e Montenegro. Na Prefeitura de Porto Alegre, a partir da atuação na Secretaria Municipal de Educação, é assessora pedagógica e coordena os programas Centros de Dança e Brinca, propondo e desenvolvendo políticas públicas para a inserção das artes nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Criou, em conjunto com colegas professores da rede municipal de Porto Alegre, o Programa Centros Musicais, uma proposta de política pública para o ensino de música na escola, em vigor na Secretaria Municipal de Educação do município, o qual coordena desde sua criação. É Diretora Científica da Coleção Educação Musical, da Editora Prismas, de Curitiba. Faz parte da Comissão Gaúcha de Folclore e da Fundação Santos Herrmann. Recebeu o Prêmio Jovem Pesquisador, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1988, com a pesquisa Acalantos, orientada pela Profª Drª Rose Marie Reis Garcia, com o objetivo de resgatar as cantigas de ninar. Em 2010 recebeu, do Comitê de Entidades

BRUM, Lucas Pacheco; MAGALHÃES, Marcus Vinícius Silva; WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim; SOUTO, Carlos Augusto Pinheiro. Pandemia, Educação e Desigualdade: o ensino-aprendizagem mediado pelas tecnologias. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-24, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

Carlos Augusto Pinheiro Souto[4]

no Combate à Fome e pela Vida (COEP), o Prêmio Betinho Atitude Cidadã, um reconhecimento às ações em música desenvolvidas junto às escolas de Porto Alegre, potencializando o projeto do COEP de luta contra a fome e pela promoção da cidadania. Recebeu a Medalha Dante de Laytano, em 2011, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados para a preservação, promoção, pesquisa e defesa do folclore e das manifestações culturais tradicionais populares do Rio Grande do Sul. Em 2013 recebeu o Troféu Mulher Gaúcha, da Secretaria de Políticas para as Mulheres/SPM-RS, pelo conjunto da obra na área da pesquisa em folclore e educação musical. É integrante da Academia Montenegrina de Letras, ocupando a Cadeira nº5. Faz parte da Associação Montenegrina de Escritores. Dentre sua produção científica destacam-se publicações individuais e com parcerias. É autora dos livros A Inserção da Música em Projetos Político Pedagógicos da Educação Básica, A Música na Região de Montenegro, Cantigas de Ninar, Terço Cantado: a religiosidade popular na Região de Montenegro, Resgatando os Contos e as Lendas da Nossa Terra, além de artigos sobre Música, Educação Musical e Cultura Popular em revistas e periódicos especializados. Em parcerias, escreveu o livro Música para professores: experiências de formação continuada, juntamente com Jusamara Souza e Liane Hentschke; O Ensino das Artes, com Maria Aparecida Aliano Marques; Para Compreender e Aplicar Folclore na Escola, com Rose Marie Reis Garcia. No campo artístico atuou em Porto Alegre como violinista na Orquestra do Centro Cultural 25 de Julho e como regente do Coral do Colégio Sévigné. Em Montenegro foi regente do Grupo de Canto Gregoriano Vox Noctis e do Coral da Fundarte. Na cidade de Gravataí foi regente dos coros infantil e adulto.

[4] Pós-Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS Unidade Litoral Norte - Osório. Doutor em Teologia pelas Faculdades EST/RS com ênfase em Teologia Prática. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul / UFRGS na linha de pesquisa Gestão e Políticas Públicas em Educação. Mestre em Artes Musicais/ Musicologia pela Campbelsville University - EUA. (2005) Especialista em Ciências da Religião Pela Faculdade Teológica Batista Equatorial. Especialista em Metodologia do Ensino Superior pelas Faculdades Integradas de Patrocínio - FIPE/MG. Graduado em Educação Artística com Habilitação em Música Pela Universidade do Estado do Pará/UEPA. Professor Assistente IV da Universidade do Estado do Pará - UEPA. Atuou como 1º coordenador, professor e Maestro da Banda Sinfônica da UEPA. Coordenou o Núcleo de Aprendizagem Musical da Banda Sinfônica Municipal de Belém. Atuou como instrumentista e maestro da Banda Sinfônica Municipal de Belém. Exerceu o cargo de coordenador e maestro da Banda Sinfônica de Icoaraci em Belém/Pa. Atuou como professor de prática coletiva de instrumento de sopro, cordas e percussão para população de rua e crianças em situação de vulnerabilidade social no projeto Rua em Movimento da cidade de Cachoeirinha/RS. Tem experiência em Prática Coletiva de instrumentos de cordas, sopro e percussão; Educação Musical em projetos sociais, Educação musical e habilidades sociais, Música na igreja, Música e religiosidades, Teologia Prática, Práticas em Educação Musical e Estética Musical. Realizou pesquisa de pós doutorado em Educação na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - Unidade Litoral Norte - Osório/RS, sob orientação da Professora Dra. Cristina Rolim Wolffenbüttel. Desenvolve pesquisa sobre políticas públicas em educação musical na cidade de Canoas. Coordena o Grupo de Educadores Musicais de Canoas, tendo realizado, no ano de 2019, o 1º Encontro de Educadores Musicais de Canoas. Realizou o 1º e 2º Recital Interescolar da cidade de Canoas, envolvendo, em torno de, 120 crianças. Recebeu, em 2019, a outorga da medalha alusiva aos 80 anos da cidade de Canoas pelos relevantes serviços prestados à cidade por meio da Educação Musical. Recebeu o "Troféu Canoas" da Câmara de Vereadores de Canoas pelos relevantes serviços prestados à cidade. Coordena o projeto de extensão "Educação Musical em Tempos de Isolamento Social: um tema em debate" promovendo mesas redondas, on-line, com a participação de docentes e discentes do Norte e Sul do Brasil.

Resumo: Este é um ensaio que trata das questões relacionadas às aprendizagens e suas possíveis potencializações por meio do uso das tecnologias. No ano de 2020, em meio ao momento em que toda a humanidade foi afetada devido ao advento de uma pandemia, causada pela COVID-19, mudanças abruptas ocorreram em todas as instâncias. A escola não passou incólume a todas as transformações pelas quais milhões de pessoas viram-se acometidas. No presente texto os autores tratam das questões deste momento pandêmico, convidando os leitores e as leitoras para refletirem sobre o momento atual, tendo em vista as possíveis desigualdades que são originadas por meio do processo educacional mediado pelas tecnologias e meios digitais.

Palavras-Chave: Aprendizagem; Pandemia; Desigualdade.

PANDEMIC, EDUCATION AND INEQUALITY: THE TEACHING AND LEARNING MEDIATED BY TECHNOLOGIES

ABSTRACT: This is an essay about learning matters and his possible potentiations by the technologic methods. In the year of 2020, in the middle of the outbreak that all humanity was affected because the coming of a pandemic, caused by COVID-19, sudden changes happened in all instances. The school did not come through uninjured by all the transformations what millions of people have seen themselves struck. In the present text the authors had written about the problems of this pandemic moment, invinting the readers for the possibility to think about the current moment, having at sight the inequal possibilities have risen by the educational process mediated by technologies and digital medias.

Keywords: Learning; Pandemic; Inequality.

PANDEMIA, EDUCACIÓN Y DESIGUALDAD: ENSEÑANZA-APRENDIZAJE MEDIADA POR TECNOLOGÍAS

Resumo: Este es um ensayo que trata temas relacionados com el aprendizaje y su posible potencial a través del uso de tecnologías. En el año 2020, em médio del momento en que toda la humanidad se vio afectada por el advenimiento de una pandemia, provocada por el COVID-19, se produjeron cambios abruptos em todas las instancias. La escuela no ha salido ilesa de todos los cambios que han afectado a millones de personas. En el presente texto, los autores abordan los temas de este momento pendémico, invitando a los lectores a reflexionar sobre el momento actual, ante las posibles desigualdades que se originan a través del proceso educativo mediado por las tecnologías y los medios digitales.

Palabras clave: Aprendizaje; Pandemia; Desigualdad.

No corredor
Sino que bate
Mochila que arrasta
Abraço que aperta
Sorriso que espera
Conversa sem fim

No pátio
Vento que sopra
Criança que canta
Menino que balança
Correria sem fim

Na sala
Janela que bate
Folha que rola
Criança que levanta
Classe que arrasta
Ruído sem fim

No recreio
Bola que rola
Menino que chuta
Brincadeira de roda
Vida sem fim

("Um dia qualquer de 200 Dias Letivos", Lucas Pacheco Brum).

Em março de 2020 a escola carregava a alegria de um ano que se iniciava. No Brasil, ainda se compreendia com normalidade o calendário letivo e a rotina escolar. Esperança, renovação e sorrisos eram estampados nas faces de estudantes e professores/as, por mais um ano que se iniciaria. Estudantes ansiosos para conhecerem seus/suas colegas mais novo/as e, também, alegres por reencontrarem os amigos e amigas. Entre os corredores e as salas de aula: havia risos, conversas, abraços e palavras de boas vindas. A escola seria, mais uma vez, um espetáculo, cujo repertório revelaria novas histórias e descobertas, no qual as crianças iriam, pela primeira vez, aprender a ler e a escrever, e outros/as se encantariam pelo universo das letras, números e ciências, em que meninas e meninos poderiam construir novos saberes, conhecimentos, invenções, criações, fabulações e experimentações.

A escola seria, então, um lugar para o estabelecimento de novos vínculos de memórias e afetos que estavam prestes a serem narrados e construídos. Tornar-se-ia espaço de intervalos em que a meninada corre, pula, joga bola, conversa, brinca, grita e faz algazarra. Uma escola que é viva, que tem sentimentos, que tem cheiro, tem confusão, e, principalmente, que tem pessoas. Contudo, no cerne dessa narrativa há espaço para compreendermos as novas dinâmicas de afeto e aprendizagem que, ainda, reverberam na vida em tempos de "isolamento social".

De um dia para o outro tivemos transformações repentinas! Não tínhamos por perto as pessoas, os barulhos, as conversas, os abraços e os sorrisos compartilhados por entre os corredores da escola. Era um intervalo sem vida. Aulas suspensas. O mundo se viu em pausa. Os abraços, beijos e apertos de mão foram interrompidos. O contato físico, o desejo de estarem juntos/as, os trabalhos em grupos e as brincadeiras de rodas, repentinamente, foram restringidos e, até, paralisados. Escolas foram fechadas no mundo inteiro. As salas de aula foram transferidas para as residências e a lousa substituída pelas telas de computadores, *tablets, notebooks*, celulares...

Os pais se viram mais atentos à rotina de seus/suas filhos/as e os/as professores/as tiveram que se tornar partícipes de um mundo virtual, ativando seus perfis nas redes sociais e produzindo conteúdos de modos diferentes. Criaram-se, assim, novos vínculos. A vida, em sua essência humana e concreta, foi paralisada. Pessoas foram impedidas de saírem de suas casas, ficando obrigadas a um confinamento, à ausência de um contato social. Juntamente a isso, a dinâmica do contexto familiar teve que ser repensada, e o papel do/da professor/a se desdobrou em incontáveis outras funcionalidades e competências, fazendo com que o cotidiano se apresentasse de diferentes formas (Nuza, 2020). Mesmo sob um processo de adaptação, o medo e a incerteza dominaram as pessoas e, ao que nos parece, jamais havíamos sentido tanto os efeitos da globalização. O capitalismo, o colonialismo e o patriarcado se tornaram ainda mais evidentes, atravessando os diversos setores da sociedade e colocando em instabilidade as relações humanas (Santos, 2020).

Nesse sentido, ao discursar sobre "o poder pedagógico do vírus", o professor e diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Boaventura de Sousa Santos (2020), argumenta sobre como a pandemia, que hoje assola o mundo contemporâneo, pode ser compreendida como uma metáfora para os novos processos de aprendizagem, ao mesmo tempo em que provoca novos questionamentos e preocupações que surgem. Se observarmos a ordem dos fatos, as próprias questões históricas e sociais deverão ser repensadas. Para Santos (2020, p. 6), "o modo como foi inicialmente construída a narrativa da pandemia na mídia ocidental tornou evidente a vontade de demonizar a China". Talvez a compreensão de como o ocidente encara os modos de produção e os hábitos de higiene do mercado chinês, possa ter sido responsável por traçarmos certa origem do novo vírus, e a instauração de uma catástrofe sanitária.

Ao final do ano de 2019, no processo de notificação à Organização Mundial de Saúde (OMS), estudos apontaram que a ocorrência dos casos graves de síndrome respiratória, especificamente na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China, se tratava da propagação de um agente transmissor específico: um novo coronavírus, chamado cientificamente de *SARS-CoV-2*. Desde o seu descobrimento, muito se discutiu a respeito de sua origem, a capacidade de mutação do vírus, bem como sobre o modo como esse microorganismo patogênico "migrou" para a espécie humana, evidenciando os efeitos de contágio em massa provocado pelo vírus, fazendo com que, em março de 2020, o surto da doença fosse declarado uma pandemia (Barreto; Rocha, 2020). A partir daquele momento, o mundo se viu em maio a uma nova ordem, redimensionando o rumo da humanidade, reconhecendo que a pandemia foi

> [...] anunciada, o vírus viajou o mundo, se instalou nos corpos, milhares de pessoas ficaram gravemente doentes, o sistema de saúde de países ricos e pobres entrou em colapso, as mortes se multiplicaram, o pânico se instalou, as tão festejadas relações comerciais e pessoais foram comprometidas, as fronteiras ressurgiram e o direito de ir e vir foi bloqueado. O comércio, as escolas, as práticas esportivas, as atividades culturais, os encontros, os contatos, as conversas e os afetos foram interrompidos. Os aeroportos foram fechados, os transportes públicos pararam, as viagens e os passeios foram suspensos. As atividades escolares tiveram que ser bruscamente interrompidas. O mundo se fechou. (Couto; Couto; Cruz, 2020, p. 204).

A pandemia causada pela COVID-19 tem sido a responsável por direcionar os novos rumos da nossa história, tal como aponta Carlos Fidelis Ponte, pesquisador do Observatório de História e Saúde da Fiocruz, em um artigo publicado em abril de 2020. Nessa perspectiva, uma nova preocupação se instalou, sob um futuro incerto, num contexto de pós-pandemia, no qual "os avanços científicos e tecnológicos são postos em causa, dada a incapacidade que revelam no controle dessa 'praga' que, pelo seu efeito letal, acaba por gerar uma sensação de pânico a nível global" (Morgado; Sousa; Pacheco; 2020, p. 4).

Assim, ao observar o curso natural da humanidade, sobretudo quanto ao entendimento do modo como as grandes pandemias do século XX, como a gripe espanhola (1918-1920), afetaram o modo de vida das pessoas, entenderemos que mudanças abruptas, advindas dos diversos setores da sociedade, serão mais que necessárias. Para Carlos Fidelis Ponte (2020), assim como no século passado, tempos como esses nos fazem reconhecer a importância do Estado como agente propulsor de tais mudanças, buscando promover a democratização de recursos, bem como a sistematização de políticas públicas coerentes com o bem-estar de todos. Segundo Christian Dunker (2020), professor de psicologia da Universidade de São Paulo (USP), existe a necessidade de refletirmos sobre os problemas de intervenção do Estado em situações como essa, evocando disputas em um nível social e também político.

Em todo esse processo, que surgiu de um modo totalmente inesperado, professores/as foram propelidos, emergencial e obrigatoriamente, a criarem modos de desenvolver suas propostas de ensino, quer seja no modo formal ou não formal. O cenário de incertezas tornou-se, por sua vez, um caos desafiador. Nesse sentido, a discussão apresentada pelo presente ensaio merece atenção em consonância com o tempo e o espaço em que ele foi produzido, buscando gerar novos questionamentos e reflexões. No entanto, há um paradigma que precisa ser discutido, além de um paradoxo que se apresenta, respectivamente: como a pandemia potencializou o uso das novas tecnologias na educação, e, consequentemente, as desigualdades de aprendizagens pelas tecnologias? Como

equacionar essa relação? Como evidenciar o protagonismo de nossas/os estudantes, a partir dessa nova realidade?

No cerne dessas reflexões, o presente ensaio não buscou responder tais questionamentos de uma forma categórica. Tampouco, buscou traçar um pensamento inflexível em torno dessas questões. Não se buscou, também, sistematizar um discurso ou uma narrativa díspar da realidade, pois, tal como postula Santos (2020), deve-se ter cuidado, pois em tempos como esse, em que muitos vivenciam um mesmo contexto, o conhecimento intelectual e acadêmico tende a ter como pano de fundo uma disputa de narrativas, muitas delas inconscientes, com as reais dinâmicas e necessidades.

Sendo assim, compreende-se que sejam necessários dados empíricos e um conjunto de escolhas metodológicas e conceituais para que o assunto, aqui apresentado, seja desenvolvido com profundidade. Assim, o presente trabalho é um exercício de reflexão e criticidade, o qual colocou nosso pensamento em movimento a partir de nossas experiências docentes em artes, e como nós, professores/as, temos lidado com os nossos anseios e os de nossos/as estudantes, frente às incertezas dos novos desafios impostos pela frente. Ao nos depararmos com o enfrentamento do contexto atual, novas questões emergenciais surgem, e os processos de ensino e aprendizado deverão ser repensados.

Pandemia e Educação: desafios e incertezas

O cenário instalado pela pandemia da COVID-19 tem afetado demasiadamente os quatro cantos do planeta, de tal modo que transformou a maneira de nos relacionarmos uns com os outros, impondo a todos uma revisão de crenças, atitudes, valores e ações de solidariedade. Tal cenário impactou, concomitantemente, os modos do exercício do trabalho, os quais passaram a se configurar conforme certas condições, a partir de serviços remotos e de *home office*. Nesse sentido, ainda, tem sido evidenciado os efeitos sobre os novos hábitos de consumo que, devido à crise financeira em ascensão, buscou-se a reconstituição

dos espaços comerciais, apresentando diferentes alternativas e possibilidades para vender e comprar produtos e serviços via *e-commerce*.

Em consequência da grande crise mundial na saúde, calcada em problemas de toda ordem, as pessoas foram impelidas a encontrarem e buscarem soluções quase que instantâneas para o cenário posto. Médicos/as, cientistas, professores/as, empresários/as, enfim, todos passaram, simultaneamente, a exercer diversas atividades. Ademais, face à nova ordem que têm gerenciado a vida humana, o campo da educação tem sido drasticamente afetado pela pandemia, vindo à tona - ainda mais - os desníveis sociais.

O isolamento social, entendido como medida de proteção e controle dos níveis de propagação do vírus tem criado novas formas de trabalho, impondo, como discutido anteriormente, adaptações e flexibilidades. Assim, as práticas de aprender e ensinar, tanto para os/as professores/as quanto para os/as estudantes, têm sido realocadas para os aplicativos digitais (*apps*), chats de bate papos, redes sociais, plataformas de *streaming*, *Google Meet*, *Zoom*, videochamadas e etc, tudo isso disponível nas redes móveis de *internet*. Somada a essas possibilidades, a construção de salas de aula virtuais a partir dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), das normativas da Educação a Distância (EaD) e de educação remota tem se apresentado com veemência em tempos de pandemia. São essas plataformas digitais que "viabilizam esta forma de trabalho em distintos setores profissionais, como acontecem na educação, com as atividades letivas a distância desde o ensino básico até ao ensino superior" (Morgado; Sousa; Pacheco, 2020, p. 1).

Contudo, tal modalidade tem sido alvo de preocupações e críticas nas esferas municipais, estaduais, federais e no âmbito distrital, pois ela reforça as gigantescas desigualdades de aprendizagens e a grande discrepância entre o sistema público e o privado de ensino da Educação Básica. Russo, Magnan e Soares (2020, p. 9) argumentam que a "propagação do vírus não só acirrou as desigualdades já existentes nesse sistema educativo, como também tornou mais evidente essa situação".

Houve um esforço conjunto de professores/as, técnicos da educação e pedagogos/as no sentido de promover treinamento em ambientes virtuais com vistas à capacitação docente. Contudo, é fundamental considerar, inicialmente, a isonomia do acesso digital. Outro assim, é fundante considerar o capital cultural, socioeconômico e digital dos/as estudantes, sob pena de utilizar as tecnologias educacionais para o aprofundamento das desigualdades sociais. As iniciativas já realizadas em diversas escolas no Brasil apontam para uma assimetria no que diz respeito ao acesso de estudantes às tecnologias.

O chamado auxílio conectividade distribuído para alguns estudantes não solucionou o problema da desigualdade, porque é uma medida paliativa. Ninguém, em todo o mundo, estava preparado para esse tempo. Tratá-lo superficialmente é ignorar os efeitos sociais da pandemia. Ao mesmo tempo, a falta de políticas concretas e perenes que repercutem pós-pandemia acaba por evidenciar o trato inconsequente dado à educação no Brasil, que foi potencializado com a COVID-19.

Nesse momento, é preciso que haja mais reflexão/ação do que ação/ação. Todas as ações tomadas nesse tempo devem ser pensadas, não apenas para o cumprimento do ano letivo, mas como ação basilar de uma nova educação. Os sistemas de educação precisam refletir novas políticas de estado para a educação. Contudo, o cenário que se apresenta em tempos pandêmicos é exatamente o contrário: as ações fundamentam-se em dar conta de relatórios, planilhas e outros documentos que informem à sociedade que a educação, tanto no âmbito municipal e estadual, quanto federal, que está funcionando, mesmo em tempo de pandemia. Há uma necessidade política em prestar contas com a sociedade, muito embora isso esteja acontecendo de maneira precária.

A filosofia desse tempo, portanto, resume-se no seguinte silogismo: o ser humano pode se reinventar, sempre, porque é criativo. O/a professor/a é um ser humano criativo. Logo, o/a professor/a tem que se reinventar e criar formas para continuar educando. Esse silogismo precisa, contudo, ser tratado de forma contextual e relacional. A reinvenção criativa não é uma entidade abstrata, mas se revela na relação que se estabelece entre professor/a, estudante, sociedade e

tecnologias. A reinvenção criativa do/a professor/a, tão propalada em tempos de pandemia, nesse sentido, é relacional.

Por outro lado, os sistemas de educação municipal, estadual e federal, no Brasil, enfrentam largas dificuldades para dar conta da educação e das aprendizagens dos/as estudantes, pois correm na tentativa de capacitar os/as professores/as para o uso das tecnologias digitais, fornecer *internet* e telefones celulares. Os/as professores/as se deparam com os seus planejamentos pedagógicos sem muitas vezes saber quais conteúdos e atividades poderão ser melhores desenvolvidas e se de fato seus/suas estudantes aprenderão de maneira significativa. Uma vez que o contato físico foi substituído pelo virtual e o/a professor/a, de certa forma, que tinha o acompanhamento diário dos/as estudantes foi sucedido pelos/as responsáveis, pais, irmãos/as, avós/as, tios/as, vizinhos/as, com os quais as crianças e adolescentes passam, agora, a maior parte do tempo. Sob um viés da práxis educativa, sabe-se que a ausência da figura do/a professor/a poderá dificultar o bom andamento do processo de aprendizagem.

No contexto atual, os pais tornaram-se os “olhos” dos/as professores/as em suas casas, passaram a organizar a rotina de estudos e “a desempenhar a função de organizar o horário e de fiscalizar seu cumprimento”. As residências viraram escolas sob o regime das telas, de um modo brusco que o quadro-negro e a lousa tornam-se obsoletos. “A escola entra na sala da casa, dissolvem-se os muros e os professores ficam expostos ao olhar das famílias” (Saraiva; Traversini; Lockmann, 2020, p. 8).

As queixas são diárias e se perpetuam em meio às redes sociais e grupos de *WhatsApp* de professores/as, a respeito da carga massiva de atividades e das dificuldades cotidianas enfrentadas. Várias são as indagações e angústias: o planejamento das aulas, o acompanhamento, o tempo adequado para o desenvolvimento das aulas *on-line* e do tempo que se passa em frente à tela, a avaliação das tarefas e os sistemas de notas atribuídos a elas, o trabalho de orientação, a falta de estímulo dos/as estudantes, a conversa com os pais e responsáveis, o reenvio e o retorno das atividades, a participação das reuniões

pedagógicas virtuais, a gravação de vídeos, áudios, a realização de videochamadas, nos mais diversos aplicativos e plataformas digitais, e etc.

Além, também, de atender virtualmente à coordenação pedagógica, direção escolar, pais e estudantes fora do horário de aula, cumprindo, assim, muitas vezes, mais do que sua carga diária de trabalho. Conforme argumentam Saraiva, Traversini e Lockmann (2020), a partir de uma análise realizada de discursos de reportagens e noticiários gaúchos que estiveram em circulação nos últimos meses, é notória a exaustão docente em tempos de pandemia. Segundo as autoras:

> O trabalho vai além da carga horária contratada e o professor encontra-se disponível nos três turnos para responder às perguntas e tirar dúvidas por *WhatsApp*. Além disso, há a necessidade de planejar as atividades, enviar, seja em formato digital ou físico, e, ainda, ter tempo para receber e corrigir as atividades realizadas pelos alunos. (Saraiva; Traversini; Lockmann, 2020, p. 13).

Soma-se a esse trabalho enfadonho o fato de que os pais e responsáveis, por diversos motivos, não conseguem dar a devida atenção aos seus filhos e filhas em suas tarefas escolares, por trabalharem o dia todo ou por terem outros compromissos diários ou por não conseguirem, ainda, acompanhar os conteúdos e atividades dos/as seus/suas filhos/as por falta de conhecimento e talvez, até de escolaridade. Em contrapartida, do outro lado da tela, há pais cobrando e exigindo, a seu tempo, a apresentação das atividades a serem realizadas, mesmo que a escola e o grupo de professores/as se esforcem ao máximo para atender a demanda das aulas (Saraiva; Traversini; Lockmann, 2020).

E ainda, professores/as, na busca incansável de manter um vínculo com os/as estudantes, realizando atividades atrativas para que se mantenham assíduos à nova rotina e ao novo formato das aulas. Somadas a todas essas questões, é evidente que nos deparemos com um problema ainda maior, ou seja, que muitos não conseguem se dedicar às aulas, por diversos razões, pois além das questões sociais e psicológicas de enfrentamento à doença, a incerteza e o medo de uma possível contaminação, muitos/as estudantes e suas famílias sofrem pela falta de acesso à *internet*, bem como a falta de dispositivos móveis e computadores.

Sob o ócio escolar produzido pelas telas digitais, é preciso considerar que há uma parcela de professores/as que já estão familiarizados com as tecnologias e plataformas digitais. Estes "já são influenciadores digitais na docência e pesquisa, fazendo suas transmissões online por meio de seus canais, plataformas ou redes sociais digitais" (Couto; Couto; Cruz, 2020, p. 209). Mas, infelizmente, não é a maioria que está habituada com as telas e seus mais variados recursos.

De maneira repentina, e sob o contexto do isolamento social, evidenciou-se o despreparo de gestores/as, professores/as, bem como das próprias famílias frente às relações estabelecidos pelos processos de educação remota e de apropriação das tecnologias. É preciso considerar que muitos profissionais da educação não possuem formação - ou talvez não tiveram a oportunidade - de desenvolver as habilidades e competências para manusearem ou se relacionarem por meios digitais. E ainda, muitos planejamentos pedagógicos e currículos escolares não possuem uma proposta clara a qual busca alinhar, sistematicamente, o currículo com os meios tecnológicos e digitais.

Ao atentarmo-nos das dificuldades enfrentadas, a estrutura pedagógica da Educação a Distância (EaD), sobretudo a partir do contexto atual e levando em consideração a realidade da Educação Básica, em que milhares de estudantes não têm telefones celulares, *tablets*, computadores e outros dispositivos digitais e, tampouco, acesso à *Internet* - via *Wi-Fi* ou de dados móveis -, problemas maiores se instalam. Conforme Couto, Couto e Cruz (2020, p. 210), no "Brasil, praticamente metade da população não tem acesso à *Internet* ou tem acesso limitado e instável. As desigualdades no acesso e usos da Internet em muitas áreas urbanas periféricas e zonas rurais reforçam as diferenças marcadas por vulnerabilidades sociais". Segundo dados divulgados no mês de maio de 2020, pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), só no Brasil um número de 4,8 milhões de crianças e adolescentes, na faixa etária de 9 a 17 anos, não tem acesso à *internet* em casa. Esse índice corresponde a 17% de todos os brasileiros nessa faixa etária, conforme a notícia divulgada por Mariana Tokarnia, no *site* da Agência Brasil.

A partir desses índices e, considerando-se o que se vivencia na prática, podemos reconhecer que estamos imersos em uma estrutura educacional que não beneficia a todos (França Filho; Antunes; Couto, 2020; Freitas, 2020). Como apontam esses autores, sofremos com uma educação fragilizada, pela dificuldade de acesso, o que acarreta, cada vez mais, as disparidades sociais. Segundo Luís Carlos de Freitas (2020), a EaD, concebida como um método de trabalho escolar que não reconhece diferentes realidades, poderá potencializar um dos maiores problemas que a escola cotidianamente enfrenta, qual seja, a desigualdade. Tendo em vista ao novo cenário, a volta à dita "normalidade", em meio às esferas políticas, econômicas, sociais, culturais e educacionais, não se revela como uma tarefa fácil, e as evidências que se apresentam apontam para caminhos flutuantes, passíveis de reformulação e constante avaliação.

Como discutido anteriormente, compreende-se que a educação em ambientes virtuais ainda não é uma realidade de todos/as os/as estudantes, e que a desigualdade evidenciada por esses processos é uma questão urgente e merece ser compreendida - e resolvida - sob a luz de um estudo mais sistematizado sobre o assunto. Em vista desses apontamentos, ao se promover a igualdade e a equidade de acesso aos meios tecnológicos e ao atentarmo-nos para uma educação que considera e reconhece os novos meios de compartilhamento de conteúdos, sobretudo na escola, compreenderemos processos democráticos de ensino e aprendizagem.

Assim, se observarmos a educação para o ensino das artes, por exemplo, poderemos nos deparar com inéditas situações de aprendizagem, em que novos estímulos e potencialidades poderão estar envolvidos. Em um processo de adaptação - e até de sobrevivência -, o qual estamos vivenciando, os processos pedagógicos relacionados às artes, poderão consubstanciar práticas de ressignificação e crítica social. Elliot Eisner (2008), ao considerar o poder da imaginação criativa imiscuído ao processo do fazer educacional, considera que:

> A imaginação não é um mero ornamento, tal como a arte. Juntas podem libertar-nos dos nossos hábitos enrijecidos. Elas podem ajudar-nos a

> restaurar um propósito decente para os nossos esforços e a criar o tipo de escolas que as nossas crianças merecem e que a nossa cultura precisa. Tais aspirações, meus amigos, são estrelas pelas quais vale a pena esticar-se (Eisner, 2008, p. 16).

Assim, se observarmos o caminho migratório da sala de aula em direção ao conteúdo das mídias digitais, poderemos nos deparar com inauditos viezes pedagógicos em que a cultura e a realidade de nossos/as estudantes circulam de maneira fluida e complexa, impondo, cada vez mais, a descentralização do conhecimento e uma reavaliação da práxis educacional. Tal como abordado, embora sejam consideradas todas as angústias e necessidades no enfrentamento desse "novo tempo", a apropriação dos meios e conteúdos digitais, sobretudo àqueles voltados para o consumo de imagens, vídeos e músicas, por exemplo, poderão ser estratégias significativas. Os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) e sua relação com as redes sociais poderão, quem sabe, amenizar as perdas pedagógicas em meio a esses processos, bem como estimular a imaginação, o poder de criação e o protagonismo de nossos/as estudantes.

A Educação em Rede

A vida cotidiana das novas gerações está profundamente mediada pelas redes sociais virtuais. Esse panorama fez com que um novo paradigma se configurasse, surgindo novos modos de ser e estar na sociedade. A informação e o conhecimento, cujo acesso anteriormente era um privilégio para poucos, na atualidade, com advento e aperfeiçoamento da *Internet*, redes sociais e aplicativos digitais de altíssima sofisticação, tornou-se cada vez mais horizontal, verossímil, móvel e ubíquo. A virtualidade, bem como o acesso que se tem ao conhecimento e ao compartilhamento de dados, tem produzido espaços virtuais mais democráticos e flexíveis, deferentemente daqueles presentes em livros, apostilas, museus, galerias de artes e bibliotecas.

Nos tempos atuais, mais que outrora, novas mudanças têm povoado as discussões em torno da educação, além do acesso democrático ao uso das novas tecnologias. Para Pérez Gómez (2015, p. 18), a "tecnologia da informação se

converteu em um meio de participação, provocando a emergência de um ambiente que se modifica e se reconfigura constantemente em consequência da própria participação que nele ocorre". Tal como evidenciado, alguns questionamentos ressurgiram – ou, talvez, tornaram-se mais evidentes - desde o descobrimento de um novo vírus, cuja ocorrência, a partir do olhar da Ciência, foi entendida como uma das maiores ameaças à espécie humana de toda a história.

Sem dúvida, os espaços virtuais têm estabelecido um novo curso metodológico da contemporaneidade em tempos de confinamento social. As mídias sociais passaram a gerenciar, produzir e conduzir a vida dos sujeitos, de modo que o

> contributo inestimável que as tecnologias têm propiciado, quer como suporte de vida, quer como esteio de relações, não podemos descartar a possibilidade de todo este fenômeno resvalar para um futuro ainda mais dependente da tecnologia, tanto em termos profissionais como sociais. (Morgado; Sousa; Pacheco, 2020, p. 5).

Han (2019, p. 42), contudo, assevera que "esse mundo humano conectado em rede leva a um autoespelhamento permanente. Quanto mais densa se tece a rede, mais profundamente se instaura uma tela entre o mundo e o outro, o fora". O autor continua, dizendo que:

> A retina digital, essa pele conectada digital, transforma o mundo em uma imagem de tela e em uma tela de controle. Nesse espaço visual autoerótico, nessa interioridade digital, não é possível surpresa ou maravilhamento. Curtindo, os humanos se encontram apenas ainda em si mesmos. (Han, 2019, p. 42).

O número de acesso às redes sociais e o uso de várias redes sociais e aplicativos (*apps*), bem como o tempo que se tem passado conectado às plataformas digitais cresceram aceleradamente, embora o sentido democrático de acesso e uso da *internet* seja, ainda, uma questão urgente levantada e discutida em meio às esferas políticas e sociais. É preciso, no entanto, atentar para o fato de que esse acesso não indica a consolidação de uma consciência sociodigital capaz de universalizar processos de aprendizagem e realizar, de forma efetiva, transposições

didáticas dos saberes presenciais para os digitais. Estamos bem longe disso. Contudo, a pandemia que se instalou no mundo e obrigou a humanidade a uma reinvenção trouxe consigo não apenas a crise, mas a oportunidade do exercício da autonomia, de um maior protagonismo e criatividade no que diz respeito à busca de alternativas capazes de suprir as necessidades da sociedade, dentre elas as relacionadas à educação.

Essa universalização de uma consciência digital, na educação, capaz de criar rotinas diárias de estudo, disciplina e organização do aprendizado entre estudantes e professores/as, bem como a consciência social de um processo ensino-aprendizagem, a partir das novas tecnologias, é um caminho longo a ser percorrido. Isso porque, herdeiros de uma educação extremamente presencial, formal e centrada na figura do/a professor/a, não fomos preparados para esse tempo que nos impõe novas posturas e construções de diferentes processos.

Santos (2002) comenta que:

> O aprendizado de um novo referencial exige mudanças de valores, concepções, ideais e atitudes. As mudanças que se fazem necessárias não dizem respeito apenas a metodologias diversificadas, ou ao uso de novos equipamentos, mas, especificamente, a novas atitudes diante do conhecimento e da aprendizagem em um permanente devir, capaz de orientar a prática e estabelecer novos valores de acordo com as exigências de uma época universalizada e sujeita a alterações. (Santos, 2002, p. 49).

Nesse sentido, é fundamental que o/a educador/a seja, de fato, facilitador/a no processo de ensino-aprendizagem, a partir das novas tecnologias. Suas abordagens metodológicas devem oportunizar aos estudantes o desenvolvimento para um maior protagonismo e criticidade, bem como a compreensão da necessidade de se colocar de forma assertiva nesse novo tempo, a partir das tecnologias. Não se trata, com isso, de compreender as novas tecnologias como processos paliativos em momentos de adversidades, como o vivido na pandemia, mas norteadores de um novo mundo e de novos tempos. A partir dessa perspectiva, a pandemia apresentou-nos um novo paradigma para a educação e, ao mesmo tempo, mostrou-nos que a educação mais conteudista e tecnicista foi responsável

pelos reducionismos e déficits na formação que impedem uma maior resistência, o enfrentamento e novas posturas neste tempo.

Somada a essas questões, é preciso considerar a falta de preparo de professores/as. Em algumas circunstâncias, os cursos de licenciaturas erram por não oportunizar que os profissionais saibam lidar com as tecnologias na educação, tanto no domínio quanto no uso das mídias tecnológicas e sociais, atreladas às diferentes propostas pedagógicas. As tentativas de inserção das tecnologias e das mídias sociais na escola e no currículo escolar não são recentes, há diversos documentos que norteiam a educação no Brasil e que apontam para a necessidade do uso crítico das novas tecnologias. Por exemplo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio (Brasil, 2018), além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Brasil, 1996), já sinalizavam o trabalho com as tecnologias em práticas pedagógicas em sala de aula e no currículo escolar. E, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), também traz a "Cultura Digital" entre as suas dez Competências Gerais. Na competência 5 da BNCC encontra-se preconizado:

> Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2017, p. 9).

A partir dos vários discursos oficiais apontados neste ensaio, há de se questionar os caminhos práticos percorridos para a inserção do uso das tecnologias na educação. Não temos muitas dúvidas de que no campo teórico e acadêmico várias são as contribuições para esse assunto, mas, no campo prático, ao que parece, pouco tem sido feito, e, com certeza, há muito que se fazer. Atualmente, mais do que nunca, com a pandemia e o isolamento social somos obrigados a desempenhar, emergencialmente, nossas funções a partir do uso do ensino remoto. Juntamente a isso, tentamos exigir, em meio às várias instâncias, o respeito à democratização dos recursos tecnológicos para todas as modalidades de ensino.

Por outro lado, os/as educadores/as iniciaram uma verdadeira maratona em busca de novas possibilidades tecnológicas para o ensino. Embora o domínio dessas tecnologias esteja sendo construído de forma lenta e criteriosa, foi a partir dessas iniciativas individuais que a sociedade passou a perceber as tecnologias, além do entretenimento e do consumo. Aos poucos, e fundamentadas nessas iniciativas individuais assertivas, as instituições começaram a buscar a valorização e a abrangência desses processos. Isso apontou, indubitavelmente, para um novo tempo, no qual as novas tecnologias farão parte crucial do processo de formação humana. Ao mesmo tempo, é preciso considerar que o lapso temporal que se estabeleceu nesse momento pode ser potencializador da desigualdade social, considerando-se que há um grande déficit de políticas educacionais que favoreçam o acesso às tecnologias na educação.

Antes da pandemia da COVID-19, as tecnologias, com as quais as crianças, jovens e adultos se envolviam e exerciam certo domínio, foram-lhes apresentadas, sobretudo, como formas de entretenimento e consumo. Os jovens e adolescentes utilizavam a *Internet,* a partir de seus *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, geralmente conectados em *sites* de relacionamento. No que se refere à educação, a tecnologia possibilitou uma maior variedade e incremento às aulas, contribuindo com indicação de *sites* sobre determinados conteúdos e outras abordagens metodológicas.

Se antes as tecnologias, o uso de computadores, telefones celulares e outros aplicativos móveis foram, muitas vezes, algo que causasse receio e, até medo às escolas e aos professores e gestão escolar, por não saberem lidar com as tecnologias, hoje somos forçados a conviver e gerenciar nossas práticas pedagógicas e, mesmo, as vidas pessoais e profissionais, a partir de telas digitais. Foi necessário um fator com grande índice de letalidade para acelerar o uso das mídias digitais na escola, sobretudo, nos modos de se fazer a educação na contemporaneidade. Couto, Couto e Souza (2020) destacam que:

> Em meio ao isolamento social, esse fenômeno mobilizou e estimulou que milhares de outros professores, até então praticamente anônimos ou de pouca visibilidade nas redes, produzissem igualmente suas performances didáticas online. Uma verdadeira enxurrada de debates sobre quaisquer

> temas invade nossos ambientes de rede e todos se dedicam a produzir e difundir conteúdos para as aprendizagens online. (Couto; Couto; Cruz, 2020, p. 209).

No entanto, há que se considerar que, a partir da pandemia causada pela COVID-19, as plataformas digitais apresentaram-se como fundamentos basilares para uma nova educação, ou, como diria Pérez Gómez (2015), de uma educação na era digital. Desse modo, a base epistemológica da educação precisará considerar as plataformas digitais não como opção, mas fundamentalmente como processo de ensino e aprendizagem híbrido, o qual combinará as tecnologias com as interações presenciais na formação dos/as estudantes. É importante ressaltar, entretanto, que esse hibridismo deve considerar o ser humano na sua integralidade. A maneira como tratávamos as tecnologias digitais, anteriormente à pandemia considerava, de certa forma, como algo que poderia ser prescindido ou, no máximo, acessório de alguma prática pedagógica "inovadora". Agora, essa permissão não mais se adequa.

Repensar as tecnologias digitais em tempos de isolamento social e pós-pandemia significa lançar um olhar para um processo de ensino e aprendizagem que contemple o desenvolvimento cognitivo, afetivo, sociológico, psicológico, crítico e espiritual do/a aluno/a. Não se trata mais de, apenas entender a tecnologia como um apêndice do processo, mas como um saber fundante para o desenvolvimento humano. Igualmente, não se tratam de processos tecnológicos para o atendimento à lógica do capital, no qual o ser humano é visto como peça de engrenagem que gira em torno do lucro, e os objetivos centram-se na criação de tecnologias capazes de potencializar a relação dominadores e dominados, categorias sociais do sistema.

Tecnologias e Educação: o legado pós-pandemia

Não é novidade para a prática docente o entendimento - ao menos teórico -, acerca das contribuições das novas tecnologias para a educação, não somente quanto aos novos meios e procedimentos, mas nos diferentes modos em que o conhecimento é acessado.

Pérez Gómez (2015), ao trazer as questões relativas à era globalizada, explica-nos que esta oportunizou o acesso sem precedentes à informação e, embora esse conhecimento esteja acessível na palma das mãos, há a necessidade de que relações conscientes se estabeleçam, sobretudo quanto ao posicionamento crítico frente ao depósito inesgotável de informações, que é a *Internet*. Segundo o autor:

> [...] é possível afirmar que o déficit das novas gerações, de modo geral, não se deve à carência de informação e de dados, mas de organização significativa e relevante das informações fragmentadas e tendenciosas que recebem em seus contatos espontâneos com múltiplas telas e diversas redes (Pérez Gómez, 2015, p. 27).

Somado a essas questões, em tempos em que a sociedade sofre os efeitos de uma pandemia, os telejornais e as postagens informativas apontam para estudos que mensuram os efeitos da crise sob perspectivas futuras. E, de forma evidente, não há dúvidas sobre os efeitos colaterais que, como sociedade, sofreremos. A reportagem denominada "Deus me *Lives*! A intoxicação provocada pelo confinamento já é realidade", publicada pela Revista Virtual Época Negócios, no final de abril de 2020, aponta para o stress gerado pelo consumo desenfreado de conteúdos. Assim, a partir desses parâmetros, é necessário, no âmbito educacional, orientar nossos/as estudantes para o consumo consciente dessas informações.

Contudo, vale lembrar que, embora os desafios se instalem e a educação por vias virtuais seja uma estratégia, ou talvez seja entendida como uma forma de sanar o tempo "perdido" frente ao isolamento social, a escola, tal como a conhecemos, não poderá ser enfraquecida. A escola, assim como os/as professores/as deverão ser, antes, valorizados, sendo alvo de políticas públicas preocupadas com o investimento em pesquisa e estrutura física e social para o acesso amplo dos recursos digitais. Tal como afirma Alexandre Sayad (2020), a escola, mais do que outrora, deve ser valorizada por ser um espaço de socialização e de pleno desenvolvimento sócio-emocional. Segundo ele, a escola continua sendo a base, e o mundo como quintal da aprendizagem.

Assim, considerar o cotidiano e o diálogo produzido em rede poderá consubstanciar um trabalho pedagógico condizente com as flutuações da própria

sociedade. Mais uma vez, cabe considerar que o cerne das discussões apresentadas pelo texto, tal como evidenciado, não esteve voltado para o aprofundamento no âmbito das políticas públicas para o desenvolvimento da democratização de recursos para e educação pública, por exemplo. A presente narrativa reconhece essa necessidade e a trata como uma questão urgente e primordial. Assim, as discussões buscaram contribuir para o ensino mediado pelas tecnologias, sem deixar de considerar os empasses sociais vivenciados pelos diversos atores da cena educacional na contemporaneidade.

O uso das novas tecnologias e dos conteúdos compartilhados pelos/as estudantes na rede social não é uma questão nova, contudo, exige um novo posicionamento. Desconstruir a educação a partir de seus moldes rígidos e tradicionais poderá ser responsável por dimensionar novos caminhos e estratégias pedagógicas mais próximas da realidade dos/as estudantes, reconhecendo suas identidades e as diferentes comunidades.

Iniciamos este ensaio com um brinde à Arte, por meio de uma poesia que faz referência à vida que pulsa nas escolas. Se, como citado, encontramos nos corredores sorrisos que nos esperam, crianças que cantam, que chutam bolas, brincadeiras e uma vida imensa nos espaços escolares, é fundamental que, sem deixar de pensar nas possibilidades de aberturas de mundo que as tecnologias trazem, também cultivemos o encontro, as proximidades, os abraços, as conversas, e tantas maravilhas e belezas que se apresentam nas escolas.

Referências:

BARRETO, Andreia Cristina Freitas; ROCHA, Daniele Santos. **Covid 19 e educação**: resistências, desafios e (im)possibilidades. Bom Jesus da Lapa, BA: Revista Encantar – Educação, Cultura e Sociedade, v. 2, p. 01 - 11, jan./dez. 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB n.º 3, de 21 de novembro de 2018**. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília. 2018. Disponível em: http://novoensinomedio.mec.gov.br/resources/downloads/pdf/dcnem.pdf. Acesso em: 6 out. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Brasília**: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC C_20dez_site.pdf. Acesso em: 22 julho de 2020.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 29 de julho de 2020.

COUTO, Edvaldo Souza; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. **#FIQUEEMCASA: EDUCAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19.** In: Interfaces Científicas. Aracaju, v. 8, nº 3, p. 200 - 217, 2020**.**

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **A arte da quarentena para principiantes.** São Paulo: Boitempo, 2020. E-book. ISBN 978-85-7559-778-1.

EISNER, Elliot E.. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? In: **Currículo sem Fronteiras**. v.8, n.2, p. 5-17, jul/dez. 2008.

FRANÇA FILHO, Astrogildo Luiz de; ANTUNES, Charlles da França; COUTO, Marcos Antônio Campo. **Alguns apontamentos para uma crítica da Educação à Distância (EaD) na educação brasileira em tempos de crise**. São Gonçalo, RJ: Revista Tamoios, nº 1, p. 16 - 03, mai. 2020.

FREITAS, Luís Carlos de. **EAD, tecnologias e finalidades da educação**. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/2020/04/17/ead-tecnologias-e-finalidades-da- educacao/> Publicado em 17/04/2020. Acessado em 20/05/2020.

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

MORGADO, José Carlos; SOUSA, Joana; PACHECO, José Augusto. **Transformações educativas em tempos de pandemia**: do confinamento social ao isolamento curricular. In: Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, p. 01 – 16, 2020. Disponível em: < https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acessado em 28/08/2020.

NUZA, Darli. Educação: descobertas, louça na pia e esperança. In: **Revista BSBMack**, n.8, Ano 2, p. 31-33, jun. 2020.

PÉREZ GÓMEZ, Ángel. I. **Educação na era digital**: a escola educativa. Porto Alegre: Penso, 2015.

PONTE, Carlos Fidelis. **O que a pandemia pode nos ensinar?** RADIS: Comunicação e Saúde, nº. 211, p. 35, abr. 2020.

RUSSO, Kelly; MAGNAN, Marie-Odile; SOARES, Roberta. **A pandemia que amplia as desigualdades:** a Covid-19 e o sistema educativo de Quebec/Canadá. In: Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, e 2015915, p. 1-28, 2020. Disponível em: https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa. Acessado em 15/08/2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020. E-book. ISBN 978-85-7559-776-7.

SANTOS, Selma Ferro. **Processos de desenvolvimento de novas práticas: apropriação e uso de novas tecnologias**. In: VICTORIO FILHO, Aldo; MONTEIRO, Solange Castellano Fernandes (Orgs.). **Cultura e conhecimento de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. **A educação em tempos de COVID-19**: ensino remoto e exaustão docente. In: Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020. Disponível em: https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa. Acessado em 15/08/2020.

SAYAD, Alexandre. **Covid e a escola:** alguns vitrais se quebraram; favor não substituí-los. Disponível em <https://revistaeducacao.com.br/2020/05/21/covid-escola-sayad/> Publicado em 21/05/2020. Acessado em 08/05/2020.